



EDITORIAL

The importance of risk factors for bullying perpetration and victimization^{☆,☆☆}



A importância dos fatores de risco para a prática de *bullying* e vitimização

David P. Farrington 

Cambridge University, Psychological Criminology, Cambridge, Reino Unido

É com grande prazer que recebo este artigo muito interessante de Silva et al.¹ Importante na identificação dos principais fatores de risco para a prática de *bullying* e vitimização no Brasil. Isso mostra que os fatores de risco mais importantes para a vitimização incluem o fato de ser do sexo feminino, ser bissexual ou homossexual, ter baixa autoestima e usar calmantes ou tranquilizantes. Os fatores de risco mais importantes para a prática de *bullying* incluem ser do sexo masculino, ter um desempenho escolar ruim, consumir álcool, ser um transgressor e ter uma atitude favorável à violência entre pares. A identificação de fatores de risco deve ser muito útil no desenvolvimento de instrumentos de avaliação de riscos e no direcionamento de intervenções concentradas no risco.

O *bullying* no ambiente escolar é definido como um comportamento que se destina a prejudicar, que é repetitivo e que envolve um desequilíbrio de poder (social ou físico) entre o agressor (*bully*) e a vítima.² Os principais tipos de *bullying* no ambiente escolar são receber xingamentos, ser excluído(a) pelos colegas, ser vítima de boatos desagradáveis, apanhar ou ser chutado(a) e ter seus pertences roubados.³ Os meninos geralmente estão mais envolvidos no

bullying direto, como bater ou chutar, enquanto as meninas podem estar mais envolvidas no *bullying* indireto ou relacional, como espalhar boatos ou excluir outros(as) estudantes.³

Recentemente, o *cyberbullying* também se tornou um grande problema. O *cyberbullying* é definido como o *bullying* praticado por meios eletrônicos, como telefones celulares, mídias sociais ou internet.⁴ Uma diferença do *bullying* no ambiente escolar é que o autor pode ser anônimo no *cyberbullying*. Os principais tipos de *cyberbullying* são agressão ou assédio online, difamação, representação (fingir ser outra pessoa), exclusão e publicação de imagens indesejadas sexuais ou embaraçosas (especialmente para meninas). Existe uma considerável sobreposição entre *bullying* no ambiente escolar e *cyberbullying*. Os estudantes vítimas no ambiente escolar também tendem a ser vítimas de *cyberbullying* e vice-versa.⁵ No entanto, vou me concentrar apenas no *bullying* escolar neste editorial.

Surpreendentemente, o artigo brasileiro relata que a prevalência de vitimização foi muito menor do que a prevalência da agressão. Obviamente, a prevalência depende muito da definição de *bullying*, da forma como é mensurada e do período de tempo investigado.⁶ Pesquisas em larga escala relataram que a prevalência da agressão e vitimização no mês anterior é de cerca de um terço dos estudantes.⁷ Surpreendentemente, o artigo brasileiro também relata uma prevalência muito baixa da combinação vítima-agressor (2%). Para comparação, em um estudo na Nicarágua, a agressão foi relatada por 6%, a vitimização foi relatada por 25% e outros 19% eram uma combinação de vítima-agressor.⁸ A combinação de vítima-agressor geralmente é bastante comum em pesquisas sobre *bullying* no ambiente escolar.⁹

DOI se refere ao artigo:

<https://doi.org/10.1016/j.jpmed.2020.04.003>

☆ Como citar este artigo: Farrington DP. The importance of risk factors for bullying perpetration and victimization. J Pediatr (Rio J). 2020;96:667–9.

☆☆ Ver artigo de Silva et al. nas páginas 693-701.

E-mail: dpf1@cam.ac.uk

O *bullying* escolar está associado a muitos efeitos indesejáveis para agressores e vítimas. Por exemplo, Anna Baldry et al. descobriram que vítimas que também eram agressores relataram mais sintomas de estresse pós-traumático do que outros estudantes.¹⁰ Às vezes, é difícil determinar se fatores de risco específicos, como baixa autoestima, são causas ou consequências. Entretanto, uma revisão sistemática de estudos longitudinais prospectivos por Ttofi et al. mostraram que as vítimas de *bullying* escolar tendem a ter depressão até 36 anos depois, mesmo após o controle de vários fatores de risco na infância.¹¹ Outra revisão sistemática de estudos longitudinais prospectivos mostrou que aqueles que praticam *bullying* no ambiente escolar tendem a ser agressores até 11 anos depois, mesmo após o controle de vários fatores de risco na infância.¹² Outra revisão semelhante descobriu que os agressores tendem a ser usuários de drogas até 15 anos mais tarde.¹³ Esse é o tipo de evidência mais convincente sobre as consequências da agressão e da vitimização.

Fatores de risco amplamente reconhecidos para a prática de *bullying* incluem a influência de pares antissociais, baixa empatia, atitudes ou princípios morais antissociais e problemas de externalização, como agressão e comportamentos desafiadores.^{7,14} Fatores de risco amplamente reconhecidos para vitimização incluem baixa autoestima, baixa competência social, baixo status em relação aos colegas (impopulares, com poucos amigos) e problemas de internalização, como ser sozinho(a), ter ansiedade ou depressão.^{7,14}

A prática de *bullying* nas idades de 14 e 18 anos foi investigada em um grande estudo longitudinal de 411 meninos de Londres, no qual foram obtidas informações de colegas, pais, professores e registros, bem como dos próprios meninos.² Os fatores de risco mais importantes para o *bullying* incluem fatores individuais, como baixo nível de inteligência, baixo rendimento acadêmico e comportamento de grande ousadia ou alto risco, fatores familiares como um dos pais estar na cadeia e má supervisão dos pais, fatores como ter pares delinquentes e não ter poucos amigos e fatores socioeconômicos, como baixa renda familiar, família numerosa e moradia precária. De muitas maneiras, os fatores de risco para a prática de *bullying* são semelhantes aos fatores de risco para delinquência.¹⁵

Os fatores de proteção amplamente reconhecidos contra a prática de *bullying* incluem um clima escolar positivo, um bom ambiente doméstico, alta competência social, influência pró-social dos pares, bom desempenho acadêmico e alta empatia.¹⁶ Os fatores de proteção amplamente reconhecidos contra a vitimização incluem alta competência social, alta autoestima, alto desempenho acadêmico, alto status ou popularidade entre os pares, influência pró-social dos pares, clima escolar positivo e boas relações familiares.¹⁶ Ttofi et al. fizeram uma revisão sistemática de estudos longitudinais prospectivos para investigar fatores de proteção que interromperam a continuidade da vitimização para problemas de internalização posteriores e da prática de *bullying* para problemas de externalização posteriores.¹⁷ Os fatores de proteção mais importantes incluíam boas habilidades sociais, bom desempenho escolar, amigos pró-sociais, apoio social, serem provenientes de uma família intacta e alto nível de afeição por parte dos pais.

De volta à pesquisa brasileira, fiquei muito feliz ao ver que os autores optaram por analisar variáveis dicotômicas e relatar a *odds ratio*. Isso faz com que seus resultados sejam fáceis de compreender e facilita muito a comunicação com pesquisadores e formuladores de políticas, o que é muito importante. Não é difícil entender a afirmação de que a *odds ratio* de ser uma vítima de *bullying* é 2,4 vezes maior para estudantes com baixa autoestima. Fico preocupado quando pesquisadores usam escores em escalas de *bullying* (como "nunca" a "várias vezes por semana") de 0 a 4 e analisam esses números como se fossem normalmente distribuídos em escalas de intervalo igual, como altura e peso. Esses escores médios não são muito significativos. Além disso, as distribuições desses tipos de variáveis de *bullying* geralmente são altamente distorcidas, o desvio-padrão muitas vezes excede a média, torna os intervalos de confiança sem sentido, porque o intervalo de confiança mais baixo é um número negativo.

A boa notícia é que muitas intervenções baseadas no conhecimento sobre fatores de risco e proteção previnem e reduzem com sucesso o *bullying* no ambiente escolar. Hannah Gaffney et al. revisaram 100 avaliações de programas de prevenção de *bullying* nas escolas e descobriram que, em geral, eles reduziram a vitimização em 15 a 16%.¹⁸ Esses pesquisadores também revisaram os programas de prevenção de *bullying* nas escolas em todo o mundo e concluíram que foram mais eficazes na redução da vitimização na Itália, Espanha e Noruega.¹⁹ Infelizmente, a única avaliação na América do Sul (na verdade, no Brasil) que atendeu aos critérios de inclusão não produziu resultados animadores, pelo menos de acordo com as análises de Hannah Gaffney et al.²⁰ Os programas mais eficazes foram o *No Trap* da Itália, o *Bully-Proofing Your School* dos EUA e o *Olweus Bullying Prevention Programme* da Noruega. Zych et al. recomendaram que o conceito espanhol de "convivência" fosse promovido nas escolas.⁶

Existe uma grande necessidade, no Brasil e em outros países, de um estudo longitudinal de prática de *bullying* e vitimização no ambiente escolar, nas faixas de 8-10 anos a 16-18 anos. Idealmente, deve haver avaliações anuais de prática de *bullying* e vitimização e de fatores de risco e proteção variáveis. De maneira ideal, as informações devem ser coletadas de alunos, pares, professores, pais e registros escolares. Seria possível, então, documentar as mudanças intraindividuais nos fatores de risco e proteção que foram seguidas de maneira confiável pelas alterações intraindividuais na prática de *bullying* e vitimização. É importante ressaltar que esse projeto estabelecerá se as mudanças nos fatores especificados (por exemplo, autoestima), precederam, seguiram ou coincidiram com as mudanças na prática de *bullying* e vitimização. Por sua vez, isso traria grandes avanços sobre o conhecimento das causas da prática de *bullying* e vitimização e iria sugerir quais fatores deveriam ser especialmente considerados como alvos nos programas de intervenção.

Concluindo, fica claro que o *bullying* no ambiente escolar é um grande problema, que causa grande sofrimento a muitos estudantes. Há uma grande necessidade de investimentos mais amplos em pesquisas sobre esse tema e em programas de intervenção eficazes. Espero que o artigo de Georgia Silva et al. direcione a atenção para os importantes

problemas de *bullying* e vitimização de crianças e jovens e para a necessidade de mais investimentos em programas de intervenção nas escolas.

Conflitos de interesse

O autor declara não haver conflitos de interesse.

Referências

1. Silva GR, Lima ML, Barreira AK, Acioli RM. Prevalence and factors associated with bullying: differences between the roles of bullies and victims of bullying. *J Pediatr (Rio J)*. 2020;96:693–701.
2. Farrington DP. Understanding and preventing bullying. In: Tony M, editor. *Crime and Justice*, 17. Chicago: University of Chicago Press; 1993. p. 381–458.
3. Baldry AC, Farrington DP. Types of bullying among Italian school children. *J Adolesc*. 1999;22:423–6.
4. Baldry AC, Blaya C, Farrington DP. *International Perspectives on Cyberbullying: Prevalence, Risk Factors and Interventions*. London: Palgrave Macmillan; 2018.
5. Baldry AC, Farrington DP, Sorrentino A. School bullying and cyberbullying among boys and girls: roles and overlap. *J Aggress Maltreat Trauma*. 2017;26:937–51.
6. Zych I, Baldry AC, Farrington DP. School bullying and cyberbullying: prevalence, characteristics, outcomes, and prevention. In: Van Hasselt VB, Bourke ML, editors. *Handbook of Behavioral Criminology: Contemporary Strategies and Issues*. New York: Springer; 2017. p. 113–38.
7. Zych I, Farrington DP, Llorent VJ, Ttofi MM. *Protecting Children against Bullying and its Consequences*. New York: Springer; 2017.
8. Romera EM, Del Rey R, Ortega R. Prevalencia y aspectos diferenciales relativos al genero del fenomeno bullying en paises pobres. *Psicothema*. 2011;23:624–9.
9. Baldry AC, Farrington DP. Parenting influences on bullying and victimization. *Legal Criminol Psychol*. 1998;3:237–54.
10. Baldry AC, Sorrentino A, Farrington DP. Post-traumatic stress symptoms among Italian adolescents involved in school and cyber bullying and victimization. *J Child Fam Stud*. 2019;28:2358–64.
11. Ttofi MM, Farrington DP, Lösel F, Loeber R. Do the victims of school bullies tend to become depressed later in life? a systematic review and meta-analysis of longitudinal studies. *J Aggress Confl Peace Res*. 2011;3:63–73.
12. Ttofi MM, Farrington DP, Lösel F, Loeber R. The predictive efficiency of school bullying versus later offending: a systematic/meta-analytic review of longitudinal studies. *Crim Behav Ment Health*. 2011;21:80–9.
13. Ttofi MM, Farrington DP, Lösel F, Crago RV, Theodorakis N. School bullying and drug use later in life: a meta-analytic investigation. *Sch Psychol Q*. 2016;31:8–27.
14. Ttofi MM, Farrington DP. School bullying: risk factors, theories and interventions. In: Brookman F, Maguire M, Pierpoint H, Bennett T, editors. *Handbook of Crime*. Willan: Cullompton, Devon; 2010. p. 427–57.
15. Farrington DP, Gaffney H, Ttofi MM. Systematic reviews of explanatory risk factors for violence, offending, and delinquency. *Aggress Violent Behav*. 2017;33:24–36.
16. Zych I, Farrington DP, Ttofi MM. Protective factors against bullying and cyberbullying: a systematic review and meta-analysis. *Aggress Violent Behav*. 2019;45:4–19.
17. Ttofi MM, Bowes L, Farrington DP, Lösel F. Protective factors interrupting the continuity from school bullying to later internalizing and externalizing problems: a systematic review of prospective longitudinal studies. *J Sch Violence*. 2014;13: 5–38.
18. Gaffney H, Ttofi MM, Farrington DP. Evaluating the effectiveness of school-bullying prevention programs: an updated meta-analytical review. *Aggress Violent Behav*. 2019;45:111–33.
19. Gaffney H, Farrington DP, Ttofi MM. Examining the effectiveness of school-bullying intervention programs globally: a meta-analysis. *Int J Bullying Prev*. 2019;1:14–31.
20. Silva JL, Oliveira WA, Braga IF, Farias MS, Silva EA, Carvalho MF, et al. The effects of skill-based intervention for victims of bullying in Brazil. *Int J Environ Res Public Health*. 2016;13: 1042.